



O Haiti: as redes sociais e os novos protagonistas da informação ¹

Kátia Cristina dos Reis Silva²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

A proposta do artigo é contextualizar alguns processos decorrentes da veiculação da informação na rede e visualizar os caminhos que os indivíduos utilizam para se manifestarem para o mundo. A troca de posicionamento entre emissor e receptor com o surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação, torna os usuários propensos a múltiplas intervenções. Se em determinado período da história, os acontecimentos eram facilmente ocultados pela lógica capitalista, os fatos atuais contam com aliados: os novos protagonistas da sociedade. Dentro do contexto, serão verificadas algumas atuações dos indivíduos na rede após o terremoto no Haiti e o papel da internet, que despontou como fonte alternativa de comunicação, uma vez que as primeiras informações e vídeos foram disponibilizados na internet e, em especial, nas redes sociais.

Palavras-chave: informação; rede; Haiti; internet; redes sociais.

1. Introdução

A possível troca de posicionamento entre emissor e receptor com o surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), principalmente com a chegada da internet - base da sociedade em rede – torna os usuários propensos a múltiplas intervenções.

Diante da inversão dos papéis, emissores e receptores tornam-se sujeitos no processo de comunicação e a linha de separação entre produtores e consumidores se torna tênue. De acordo com essa lógica, a informação pode ser adquirida sob o ponto de vista de outros usuários da rede e não somente através dos tradicionais veículos de comunicação que fundamentam seus discursos no interesse público, ainda que sejam orientados pelo interesse privado.

¹Trabalho apresentado no DT 5 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Mestranda do curso de Redes, Estética e Tecnocultura na UFJF e pós-graduanda em Tv, Cinema e Mídias Digitais na UFJF. Orientador: Cícero Inacio da Silva. Email: katia.reis@hotmail.com



Tal perspectiva aliada ao estreitamento da relação entre comunicação e sociedade por intermédio das tecnologias também coloca a questão em pauta, afinal, as novas interfaces tecnológicas foram utilizadas como fonte alternativa e até mesmo principal de informação diante do colapso comunicacional que ocorreu no Haiti, após o terremoto. Essa facilidade na participação da população através da disponibilidade proporcionada pela rede é de interesse deste artigo.

Observa-se que a partir do momento que o antigo receptor se torna um agente ativo no processo, as redes de comunicação propiciam um espaço em potencial para a expressão de idéias de maneira instantânea e um local para a propagação das vozes jamais ouvidas. Há, portanto, uma aproximação da questão da cidadania por um olhar de dentro para fora e não mais de fora para dentro.

2. Da indústria cultural até a cultura da mobilidade

Desde que as teorias clássicas da indústria cultural foram criadas e difundidas, principalmente pelos pensadores da escola de Frankfurt, o que se previa era que as tecnologias usadas pelos meios de comunicação seriam exclusivamente controladas por empresas capitalistas.

No entanto, a intensa inovação tecnológica acabou barateando o uso desses meios, permitindo que várias alternativas de produção possam se realizar, criando situações nas quais os indivíduos podem intervir.

Diante desse contexto, Kellner (2001, p. 426) declara que o fato dos pesquisadores não cuidarem da questão da mídia alternativa “que possibilita os cidadãos a intervir com mais rapidez é mais intrigante e menos desculpável”.

Dessa forma, é necessária uma análise das transformações provenientes das diferentes formas de comunicação e pela inserção das novas tecnologias na sociedade contemporânea. Primeiramente, observa-se a transição da cultura oral para a cultura de massas – com a invenção da prensa de Gutenberg – que possibilitou a produção em larga escala. Chegando aos anos 80, surge a cultura das mídias, onde os novos equipamentos e dispositivos passam a permitir a cultura do disponível e do transitório (SANTAELLA, 2004).

Já no terceiro momento, a idéia de cibercultura é desenvolvida por Levy (1999), Lemos (2002), Costa (2002) como sendo uma cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais.



Leão (2004, p. 166) analisa que esta forma de cultura é constituída por um “conjunto de técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que se desenvolvem junto ao ciberespaço³”.

Na cibercultura, os processos de comunicação são produzidos e distribuídos de maneira legível no computador. Forma digital que significa que quaisquer fontes de informação podem ser homogeneizadas de cadeia de 0 e 1. Isso viabiliza que a mesma tecnologia básica seja utilizada para transmitir todas as formas de comunicação, em um sistema integrado, onde os *bits* – dígitos binários – aparecem como denominador comum para os demais meios de comunicação.

Pimenta apud Lahni e Pinheiro (2008, p. 127) analisa as questões da “interatividade, instantaneidade, linguagens multicódigos e baixo custo” como sendo algumas das características advindas destes novos sistemas de comunicação.

Atualmente, menos de dez anos após a consolidação da cibercultura, há uma variação avançada da mesma, em concomitância com o potencial aberto pela *Web 2.0*⁴, conhecida como cultura da mobilidade - baseada nos dispositivos móveis – e já começa a chamar a atenção de teóricos e críticos da comunicação.

No entanto, apesar das mudanças nos processos comunicacionais, a internet permaneceu no centro dos atuais debates. Para Castells, a internet é a própria base da sociedade em rede, pois ela “constitui a base material e tecnológica da sociedade (...) O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos” (CASTELLS, 2003, p. 287).

Persina apud Lahni e Pinheiro (2008, p. 174) visualiza na internet “uma via de mão dupla que permite que receptores e emissores troquem de papéis a qualquer momento”, apesar de destacar dificuldades para colocar a tese em prática, já que alguns meios de comunicação utilizam a internet para reforçar idéias estabelecidas pelos veículos tradicionais.

³ O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga (LEVY, 1999, p. 17).

⁴ Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Tim O’Reilly. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com>>. Acesso em 4 jun. 2009.



Observa-se que o advento das tecnologias, estruturadas pela rede e viabilizadas pela internet trouxe inúmeras modificações nos modos de pensar, sentir e agir da sociedade.

A visão do ser humano multifacetado em contra posição aos estereótipos amplamente divulgados, as miríades de caminhos propostos pela sociedade em rede e as novas possibilidades do antigo receptor que ganha *status* de agente ativo e de construtor do seu próprio labirinto mexe nos antigos sistemas estruturais. As posições que eram definidas deram lugar à troca de papéis que permite que emissores e receptores “cruzem-se, confundem-se e contaminem-se” (LEÃO, 2005, p. 42).

3. Interesse público x interesse privado

Em prol do denominado interesse público, os tradicionais veículos de comunicação selecionam, de acordo com alguns critérios específicos, os principais acontecimentos que serão divulgados e farão parte do cotidiano das pessoas.

A televisão por sua vez, ocupa lugar de destaque no cenário, já que é a principal fonte de informação da maioria da população brasileira. Bourdieu (1997) analisa que os produtos de televisão seduzem, fascinam e absorvem não só pelos conteúdos, mas também pela estrutura que convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena um acontecimento e exagera-lhe a importância, e o caráter dramático.

Alguns programas audiovisuais, por exemplo, utilizam o padrão espetacular para apresentação de material jornalístico. Na ânsia de captar atenção instantânea do público, o *show* informativo recorre a mensagens de fácil reconhecimento e recursos próprios que dão feições ao espetáculo desejado.

Como no videoclipe, uma sucessão de imagens é costurada de forma aparentemente aleatória, mas que em conjunto reforçam uma determinada mensagem. Com isso, estes formatos acabam dando dimensões significativas na construção da realidade das pessoas.

Arbex (2001, p. 31) traz uma análise interessante sobre este conjunto de mensagens que reforçam idéias pela televisão na cobertura da guerra do golfo:

Na televisão nem uma gota de sangue apareceu. Esquemas estratégicos e imagens sintéticas reafirmaram a soberania dos deuses da tecnologia. O olhar omnividente e omnipresente dessa mesma tecnologia que permitiu a realização da primeira guerra eletrônica em tempo real, segundo a designação de Paul Virilio, não podia deixar, ironicamente, que os campos de batalha aparecessem na sua crueza e horror característicos. Lipovetsky, numa entrevista à Revista Globe, disse que a morte se tornava intolerável tanto social como moralmente. Asseptizar a guerra tornou-se uma necessidade para aqueles que fizeram. Antes de mais nada, foi preciso recriar, através dos media, no imaginário ocidental, a figura do tirano intolerante, do louco que arrastava milhares de soldados para uma guerra em que, à partida, seria derrotado.

Diante disso, o autor faz uma crítica à cobertura da Guerra do Golfo que prometia imagens reais e não exibia e nem divulgava a quantidade de mortos e vítimas. Ninguém se lembra de ter visto cadáveres, já que o intuito era dar a impressão da chamada “guerra limpa”.

Apesar disso, milhões de pessoas morreram durante os ataques dos Estados Unidos. O canal imprensa (2009) reforça a idéia de Arbex e traz detalhes dos recursos utilizados durante a cobertura da guerra:

A aldeia global do fim do século acompanhou pela televisão as fantásticas cenas da Guerra do Golfo Pérsico, em 1991. (...) Na tela, cenas com tons esverdeados que só os militares conheciam, para visualizar o terreno no escuro. Os clarões que apareciam de vez em quando indicavam os bombardeios da coalizão formada para acabar com a invasão de Saddam Hussein ao Kuwait. (...) A Guerra do Golfo foi uma das mais importantes coberturas da CNN. O famoso efeito "flipperama", foi criado com a ajuda de câmeras que o Pentágono instalou em seus caça-mísseis. As imagens, mesmo questionáveis, projetaram o canal mundialmente. (...) A videoguerra acabou por insensibilizar as pessoas, transformando o combate em um jogo eletrônico onde todos os alvos eram transformados em pontos luminosos de computadores.

É o chamado ocultar mostrando da televisão, onde a Tv consegue ocultar alguns fatos, dando ênfase a outros, ou seja, construir uma realidade que, a priori, apresentaria uma objetividade. A partir daí, a informação pode ser facilmente desestruturada e a verdade dos fatos comprometida.

Kehl e Bucci (2004, p. 156) analisam que a “transmissão de imagens, consolidou uma espécie de ficção totalitária que articula jornalismo e entretenimento



numa seqüência ininterrupta de imagens, regidas pelas leis da concorrência comercial entre os canais de televisão”.

Apesar disso e em contraposição aos critérios de “interesse público” utilizados pelos programas audiovisuais, as redes proporcionaram como já menciona Lúcia Leão (2004, p. 9) um “espaço quase-infinito labirinto de interações contemporâneas” onde as pessoas podem buscar seus interesses reais.

Nestas novas interações os usuários têm a possibilidade de adquirir a informação sob a perspectiva de outros usuários na rede. Observa-se então, um processo horizontal e crescente na comunicação na *Web*, onde as informações já não seguem mais o antigo sentido circuito vertical.

O *The New York Times* apud Observatório Imprensa (2009) traz um relato que aponta para a situação emergente de um tradicional meio de comunicação e a instantaneidade da rede social *Twitter*:

Antigamente os regimes autoritários podiam ocultar os acontecimentos em seus países simplesmente cortando as linhas telefônicas de longa distância e restringindo alguns estrangeiros. Mas, no século 21, as câmeras de celulares, as contas no *Twitter* e toda a parafernália da internet mudaram o antigo cálculo de quanto poder os governos realmente têm para sequestrar seus países dos olhares do mundo e dificultar para sua própria população reunir-se, discordar e rebelar-se.”

Além do *Twitter*, as chamadas mídias sociais, como *Weblogs*, as redes sociais como *Facebook* e *Orkut*, *YouTube* (compartilhamento de vídeos) e *Flickr* (compartilhamento de fotos) ganham cada vez mais espaço.

4. O Haiti caiu na rede

Um terremoto de magnitude 7 devastou o Haiti às 16 h53m. do dia 12 de janeiro, hora local 19h53 de Brasília. O epicentro foi a poucos quilômetros da capital, Porto Príncipe. Pelo menos 200 mil pessoas morreram, 300 mil ficaram feridas e 4 mil foram amputadas. Há um milhão de desabrigados (G1, 2010).

Diante da tragédia, a internet passou a exercer papel fundamental ao permitir a comunicação em tempo real do Haiti com o mundo. Ela atuou como fonte alternativa de comunicação, já que a infra-estrutura comunicacional do país estava em colapso.



Por conta da precariedade da comunicação, a população e principalmente, os parentes das vítimas, tinham dificuldades de encontrar desaparecidos. No entanto, a rede passou a servir como único canal de ligação entre as pessoas.

Constata-se que as primeiras informações, imagens e vídeos relativos ao terremoto foram capturadas por câmeras de celulares e postadas nos *weblogs* e redes sociais como *Facebook*, *Orkut*, *Twitter*, *YouTube*.

A rede social *Twitter* foi uma ferramenta-chave na distribuição de imagens e informações do Haiti. As fotos enviadas para o *Twitpic* e outros serviços baseados nesta rede circulavam pela internet muito antes das agências de notícias terem tempo suficiente para produzir algo parecido. Observa-se também, que os registros dos celulares – mensagens, fotos e vídeos - que funcionam com diferentes necessidades infra-estruturais - centenas de antenas que não dependem de conexões por cabo - tornou o acesso à rede viável, pois seu funcionamento é independente da luz elétrica.

Com isso, em poucos segundos após o tremor, o *Twitter* foi inundado com inúmeras mensagens que estavam sendo enviadas via *Twitter* por celulares. Tanto as informações dos oficiais, como as declarações do povo haitiano foram se proliferando. A partir daí, a empresa *Twitter* criou o canal "*#relativesinhaiti*" para que parentes no exterior pudessem descobrir informações sobre desaparecidos, enquanto o canal "*#rescumehaiti*" foi utilizado pelos que participam diretamente das operações de resgate.

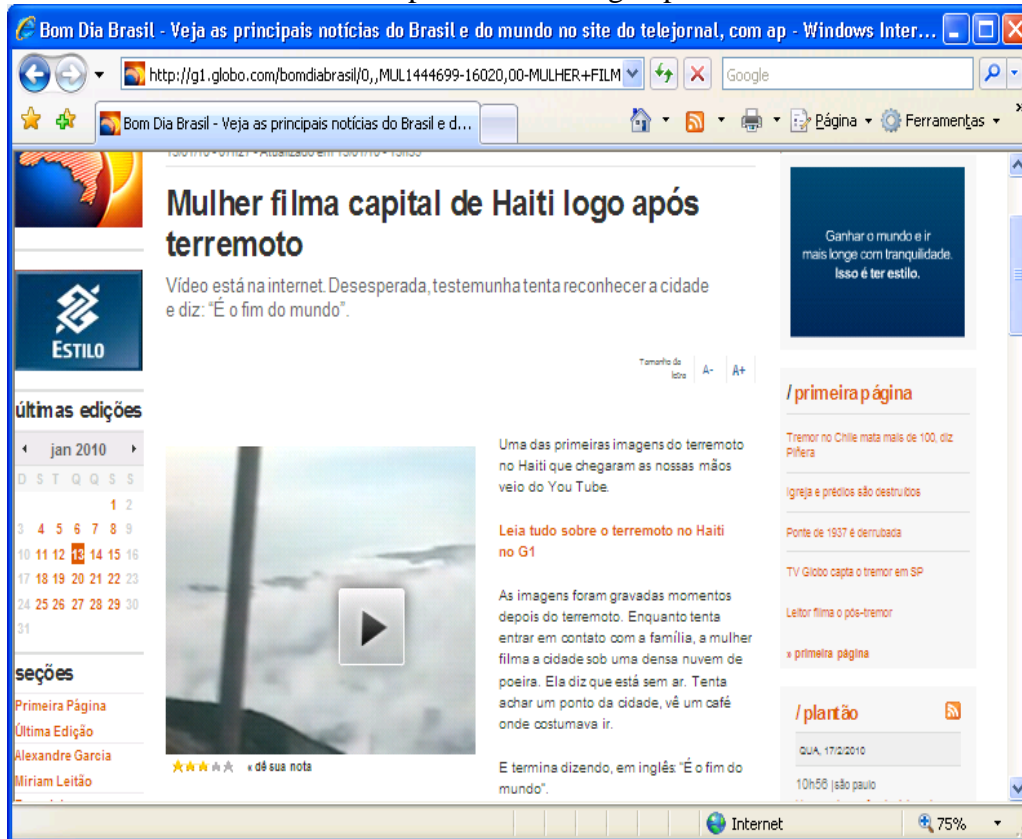
Observa-se que diferentes ferramentas da rede começaram a fornecer serviços alternativos para informar sobre a situação do Haiti. O site *Ushahidi*, passou a disponibilizar mapas que detalhavam os danos e ajuda humanitária e tanto o *Google* como o *Facebook* elaboraram listas de desaparecidos.

Diante da grande quantidade de informação proporcionada pela rede e a inviabilidade comunicacional do país, os diversos veículos de comunicação tradicional passaram a veicular tanto as informações, como os vídeos e imagens que estavam sendo postados pelas redes sociais.

A repórter Ana Luíza Guimarães, do Jornal Bom Dia Brasil, afirma em reportagem realizada no dia 13.02.10 que: “muitas das informações nos chegam pela internet”. Ela apresenta então um vídeo feito por uma haitiana e declara: “você vai ver agora o relato desesperado de uma mulher que do alto de uma montanha descreve a situação em Porto Príncipe” (G1, 2010).

O apresentador Renato Machado ainda completa: “as imagens foram gravadas momentos depois do terremoto e foram postadas no *youtube*”. Este relato no *youtube* já recebeu mais de trezentos mil acessos. A seguir as imagens são transmitidas (G1, 2010).

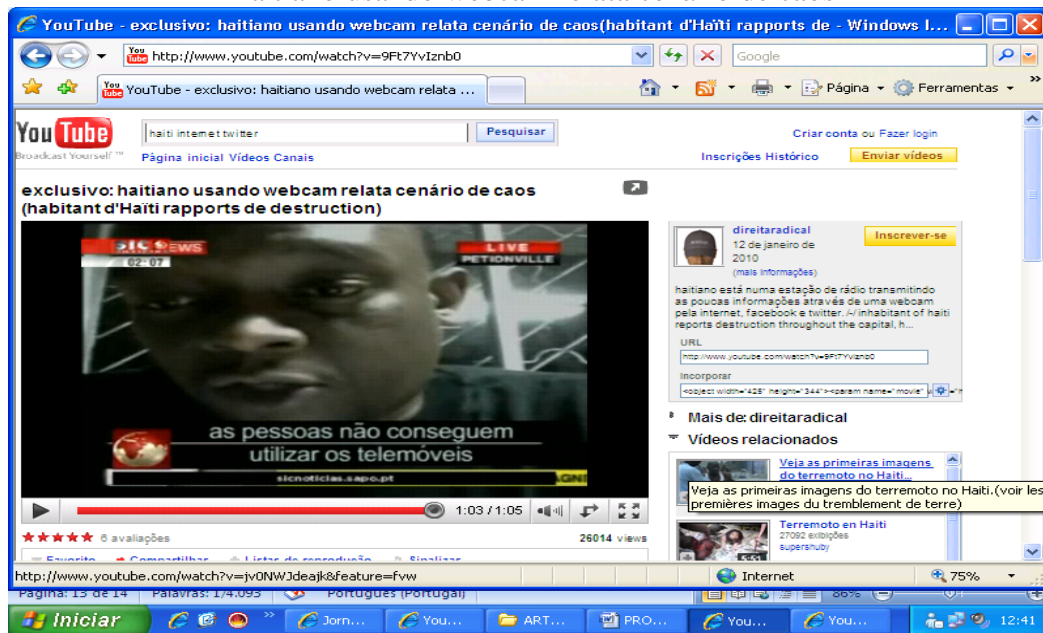
Mulher filma capital de Haiti logo após terremoto



Fonte: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil>>

O site *youtube* também mostrou uma enorme disponibilidade de vídeos sobre o terremoto, bem como imagens anteriores a tragédia, condições atuais do país, pontos mais devastados e pedidos de ajuda, como o relato de um haitiano, por exemplo, que já recebeu mais de duzentos mil acessos. Ele detalha como foram os primeiros momentos após o tremor. No vídeo, ele resolve solicitar ajuda pela *webcam*, pois afirma que as pessoas não estavam conseguindo utilizar os “telemóveis” – telefones - conforme imagem a seguir:

Haitiano usando webcam relata cenário de caos



Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=9Ft7YvIznb0>>

Já no *orkut*, várias comunidades prestaram informações sobre os brasileiros que estavam no Haiti. Somente a comunidade “Terremoto no Haiti” adquiriu mais de sete mil membros em poucos dias após a tragédia, conforme imagem:

Comunidade Terremoto no Haiti



Fonte: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1404684&tid=5427254309173458481&na=4>>

Logo após estes primeiros momentos, assim que parte da comunicação tradicional do país foi restabelecida, rapidamente as imagens das milhares de vítimas e os escombros chegaram aos noticiários, assim como a solidariedade mundial com os



feridos, logo ganhou espaços nos principais programas televisivos. No entanto, diversos blogs e mensagens postadas no *Twitter* questionavam a ajuda que era tão divulgada pelos tradicionais veículos de comunicação, mas não chegava ao Haiti.

Em um blog de pesquisadores da Unicamp (2010) que estão no Haiti, traz algumas declarações que podem dar uma dimensão diferente na construção da realidade das pessoas. Os pesquisadores relataram alguns fatos que presenciaram no país, durante e após o terremoto. Eles declaram que a ajuda divulgada conseguia chegar nos hotéis de luxo, onde se hospedavam os estrangeiros, enquanto o restante da população se perguntava onde estavam todas as doações anunciadas. Segundo relato de haitiano no blog “A ajuda internacional não se vê, não se come nem se bebe, só se escuta”.

Os pesquisadores declaram:

Hoje, dia 13 de janeiro, o povo haitiano está se perguntando mais do que nunca: onde está a Minustah quando precisamos dela? Posso responder a esta pergunta: a Minustah está removendo os escombros dos hotéis de luxo onde se hospedavam ricos hóspedes estrangeiros.

Blog dos Pesquisadores da Unicamp no Haiti



Fonte: <<http://lacidadelle.wordpress.com/2010/01/13/haiti-estamos-abandonados/>>



Já no dia 16 de janeiro, sob o título de “cheiro da rua” o Blog relata:

Durante todos esses dias a população não teve onde sepultar seus mortos. Os defuntos foram deixados na rua, enquanto o rádio instrua que os cadáveres deveriam ser tratados com cloro e vinagre, embalados em sacos plásticos e deixados em lugares secos. Os cadáveres que puderam ser retirados dos escombros foram tratados dessa maneira (...) Muitos mortos, no entanto, não puderam ser retirados dos escombros. A população, que hoje nos chama para reclamar de abandono da comunidade internacional, foi se afastando desses lugares – com o calor os corpos parecem ter fermentado. Fato é que o espaço foi envolvido num vapor fétido. Hoje, pela primeira vez os mortos começaram a sumir das esquinas. Os montes de defuntos, que aguçaram a imaginação de um jornalista fanático por barricadas e protestos, estão sendo recolhidos por tímidos caminhões brancos. Os corpos sob os escombros, no entanto, continuam intocáveis. Nesse cenário caminham homens e mulheres de uma força que me deixou envergonhado. Nós, que estamos numa casa inteira fomos indagados com preocupação se estávamos bem. (...) Não é a destruição que mais assusta aqui, é o abandono (...) Muitos estão morrendo por falta de cuidados, outros reúnem numa toalha medicamentos e materiais médicos para ajudar os compatriotas. São poucos os que têm remédios e muitos são os que precisam de ajuda.

Os mortos que várias “guerras do golfo” não mostraram e o clamor da população pela ajuda da comunidade internacional aparece nas declarações dos blogueiros da Unicamp, acompanhados por um sentimento de indignação em torno dos fatos, comum a quem presencia algo que não corresponde necessariamente ao que está sendo retratado pelos tradicionais veículos de comunicação. O abandono da comunidade internacional ao povo haitiano que poderia não ter face para o mundo, começa a ser delineada a partir do que é relatado pelos indivíduos.

Várias outras constatações como esta, também se propagaram pela rede que exibiu diversos e diferentes registros de cidadãos no Haiti solicitando por ajuda e inconformados pela falta da mesma. Muitos, também questionavam a posição da ONU - Organização das Nações Unidas - que simplesmente desapareceu para grande parte da população do país.

Diante deste contexto, a internet foi importante não só sob a perspectiva de ter sido uma fonte de informação alternativa, mas também por ter exercido um papel diferente do habitual, ou seja, o da divulgação da informação sob a ótica dos cidadãos.

Enquanto os tradicionais veículos de comunicação davam ênfase a determinados ângulos da notícia e exibiam as primeiras informações e vídeos postados na internet, as redes sociais abarcavam uma multiplicidade de aspectos.



6. Metodologia

Para desenvolvimento do artigo foi utilizado o método bibliográfico, através da leitura e fichamento das obras pertinentes ao tema em questão. Foram utilizados livros e internet, bem como fontes que ofereceram subsídios para a pesquisa do tema proposto.

A análise e interpretação dos dados obtidos das investigações do conteúdo postado na internet através de Blogs e redes sociais como *Orkut*, *Twitter*, *Facebook*, *YouTube*, juntamente com o suporte teórico bibliográfico, foram a base da dissertação.

7. Conclusão

Em determinado período da história, alguns fatos eram mais facilmente ocultados por interesses particulares, no entanto, os acontecimentos atuais contam com aliados importantes: os novos protagonistas – produtores – de informação da sociedade em rede.

Se ainda não estivéssemos na chamada sociedade em rede, quando chegariam as primeiras informações sobre o Haiti no Brasil? De que maneira elas chegariam? Será que o que sabemos hoje, saberíamos sob este mesmo ponto de vista sem a rede? Ou melhor, qual informação seria disponibilizada?

Observa-se que através da internet e do surgimento das mídias sociais as pessoas tem a oportunidade de refletir melhor sobre a construção da realidade sem depender apenas do que é transmitido pelos tradicionais veículos de comunicação.

Conforme já analisa, Pierre Levy (2009) agora o cidadão pode verificar as diversas informações e optar de acordo com seu “filtro”, ou seja, com a sua visão de mundo, as possibilidades de direcionar a sua atenção, no intuito de agregar valor na construção da sua realidade.

Já é fato, entretanto, que os tradicionais veículos de comunicação migraram para a rede e fazem dela suas extensões, mas a reapropriação não é capaz de anular a atuação dos sujeitos na rede, mas servir de parâmetro para diferentes opiniões e, se for o caso, para quem desejar obter informação sob a ótica dos tradicionais veículos de comunicação, afinal, eles são válidos e graças a seu poder de divulgação e mobilização da sociedade a arrecadação do Haiti cresceu em termos significativos e merecem ser relatados, no entanto, eles só não são mais os únicos detentores da “verdade”.



No episódio do terremoto no Haiti a internet não só viabilizou a conexão do mundo com aquele país, mas permitiu uma visão diferente da habitual, uma vez que as primeiras informações vieram da rede e depois viraram matéria para os principais veículos de comunicação.

Além disso, diferentes pontos de vistas foram postados para quem desejasse saber. Seja de um haitiano, de um brasileiro no Haiti ou de qualquer cidadão de outra nacionalidade. Há, portanto, uma multiplicidade de olhares que ganham visibilidade na rede.

8. Referências

ARBEX, José. **Showrnlismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CANAL DA IMPRENSA. **Estouro na guerra do golfo**. Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br>> Acesso em: 1 fev. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

COSTA, Rogério. **Cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2002.

G1. **Íntegra da entrevista com o filósofo Pierre Lévy**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1284962-6174,00.html>>. Acesso em: 2 set. 2009.

_____. **Cobertura completa: terremoto no Haiti**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1446514-5602,00COBERTURA+COMPLETA+TERREMOTO+NO+HAITI.html>>. Acesso em: 2 set. 2009.

_____. **Mulher filma capital de Haiti logo após terremoto**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil>> . Acesso em: 25 de jan. 2010.

KEHL, Maria Rita.; BUCCI, Eugênio. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.



KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e comunicação**: perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

LEÃO, Lucia (org.). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Editora Illuminuras Ltda, 2005.

LEMOES, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Twitter e televisão**. Disponível em:

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=562TVQ001>>.

Acesso em: 4 de nov. 2009.

ORKUT. **Terremoto no Haiti**. Disponível em:

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1404684&tid=5427254309173458481&na=4>>. Acesso em: 20 jan. 2010

PESQUISADORES DA UNICAMP. **Grupo de pesquisadores da Unicamp sobre o Haiti no Haiti**. Disponível em:

<<http://lacidelle.wordpress.com/2010/01/13/haiti-estamos-abandonados/>>. Acesso em: 15 de fev. 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

YOUTUBE. **Haitiano usando webcam relata cenário de caos**. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=9Ft7YvIznb0>>. Acesso em: 15 de jan. 2010.